

Grupo Instrução e Recreio

B.M.V.
DEPOSITO LEGAL
254981 * - 4. V. 61

Editorial

É sempre difícil distinguir entre instrução e cultura, de tal maneira os dois conceitos se confundem e têm raízes comuns. Não interessa aqui estabelecer nitidamente a diferenciação entre uma e outra. Basta talvez que consideremos a instrução como uma preparação, uma base, uns alicerces, para a obtenção de cultura. Dentro deste esquema, a instrução é anterior à cultura. Dentro do seu plano de passar duma instrução passiva para uma cultura activa, o Grupo Instrução e Recreio, ao mesmo tempo que tenta alicerçar as suas secções de teatro e cinema, que procura constituir uma biblioteca devidamente apetrechada e onde se encontre verdadeiramente os alicerces duma cultura, resolveu lançar um jornal que funcione como seu órgão. Abandona-se assim a posição estática, de receptáculo que os sócios tinham de procurar, para se passar a uma posição activa indo ao encontro da massa associativa, obrigando-a, se é lícito empregar aqui o termo obrigar, a encontrar aquilo que há muito é seu desejo proporcionar à massa associativa: a cultura que, mais do que nunca, é hoje necessário possuir para que o homem se encontre verdadeiramente dentro do seu tempo, para que tenha a compreensão justa dos problemas que o rodeiam e o preocupam, para que seja enfim um homem do seu tempo, cheio de amor e de compreensão pela vida.

Com este objectivo, não se poupando a esforços e esperando encontrar da parte da massa associativa a compreensão e o apoio de que tal iniciativa necessita, o Grupo Instrução e Recreio apresenta hoje o primeiro número do jornal que lhe vai servir de órgão. Sai o jornal no dia do 40.º aniversário e a data parece ser feliz pelo que pode encerrar de simbólico: queremos dizer, este aniversário poderá ser o marco de partida para uma nova época na vida da Colectividade. Que o jornal seja uma tribuna em que se encontrem os sócios, que seja, digamo-lo, uma forma mais elevada de convívio! Que os sócios encontrem nele o que satisfaça a sua cultura e a sua curiosidade! Que o jornal seja, realmente, o ponto de partida de uma instrução para uma cultura verdadeira! Estas são as esperanças da Redacção ao anunciar, com a consciência das dificuldades que vai encontrar, tão árdua quanto difícil tarefa.

Saudação

Ao vir a público o 1.º número do Boletim do Grupo Instrução e Recreio (Ramal Norte), cuja publicação mensal se fará a partir desta data, a Direcção cumpre o grato dever de saudar efusivamente o Ex.º Governador Civil do nosso Distrito, Sr. Dr. José de Carvalho, a Ex.ª Câmara Municipal e muito especialmente o seu Ilustre Presidente Sr. Dr. José Ranito Baltasar e bem assim todas as Entidades Civis, Militares e Religiosas.

A Suas Excelências, nesta hora alta por que passamos, agradecemos muito penhorados as atenções com que nos têm cumulado e prometemos a nossa leal e franca colaboração em tudo quanto vise o Bem Público.

Igual saudação dirigimos à Ex.ª Mesa da Assembleia Geral da nossa Colectividade e a todos os nossos muito queridos associados, prometendo a todos não regatear esforços para que a nossa Colectividade se engrandeça cada vez mais.

Grupo Instrução e Recreio

Embora ao de leve, vou fazer a resenha dos principais factos que se passaram nesses 40 anos, que hoje se comemoram, da vida do Grupo Instrução e Recreio, recordando também um pouco da sua história, a que estou ligado, desde os primeiros anos da sua fundação.

Foi a 2 de Abril do ano de 1921 que José António Lopes, juntamente com outros operários, fundaram no bairro do Rodrigo o Grupo Instrução e Recreio, que teve a sua primeira sede num pequeno rés-do-chão.

O principal objectivo foi criar uma aula nocturna, que teve como professor Narciso da Cruz Fazenda e outros, que ensinavam a ler os que não podiam frequentar a escola de dia, dando preferência aos adultos. Já nesse tempo, o operário José António Lopes iniciava a campanha contra

40 ANOS
AO SERVIÇO
DO BEM

o analfabetismo, desenvolvendo também a cultura por meio da arte dramática, como ensaiador, ensinando assim a mocidade desses saudosos tempos a cuidarem mais da sua instrução do que a frequentar jogos, que por vezes são a ruína para a sua carreira na vida.

Com o decorrer dos anos, o Grupo Instrução e Recreio foi desenvolvendo mais a instrução e a cultura nos seus associados com a realização de saraus dramáticos. Assim, pôde o Grupo Instrução e Recreio adquirir uma me-

(continua na sétima página)

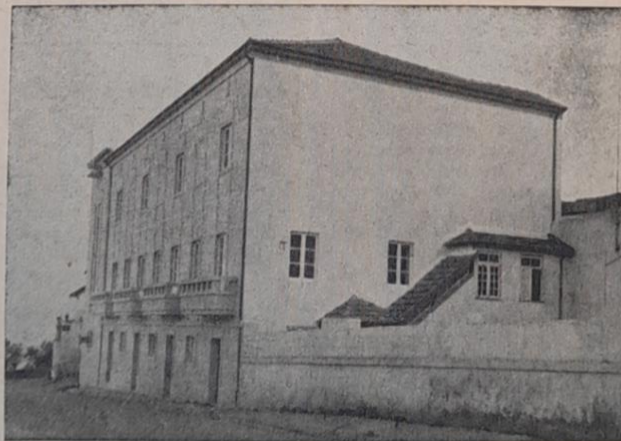


José António Lopes
Fundador do G. I. R.

colaboração

Este jornal não se obriga a publicar a colaboração não solicitada embora esta lhe mereça a melhor atenção e a recêba com o maior interesse e franca simpatia, mas a que dispensará o acolhimento que realmente mereça. Os originais recusados não são devolvidos. De qualquer modo, pede-se a todas as pessoas que o queiram fazer, em especial aos Sócios do Grupo Instrução e Recreio, que enviem a colaboração que julgarem útil, não esquecendo todavia o que acima fica dito.

A Redacção do jornal não se responsabiliza pelas ideias expressas em artigos assinados pelos autores, forçosamente diversas, e apenas reconhece como seus os pontos de vista expendidos em artigos não assinados, que são da responsabilidade da Redacção.



G. I. R. — Fachada Principal

Recordando!

É com enorme prazer que aqui faço estas simples considerações a respeito desta Colectividade tão conhecida: o Grupo Instrução e Recreio.

Já passaram quatro dezenas de anos sobre o dia em que alguns cavalheiros, cheios de boa vontade, bairrismo e espírito de sacrificio, fundaram esta instituição que durante a sua existência tem sabido manter a divisa que lhe foi confiada: Instrução e Recreio.

Todos nós sabemos que nesta casa existiu a primeira aula escolar e muitas centenas de pessoas por lá passaram até surgirem as Escolas do Bairro do Rodrigo.

Temos ali uma biblioteca onde, à noite, se juntam homens e rapazes que, ávidos de saber, passam o serão descansando e adquirindo conhecimentos, que tanto os ajudam na vida.

É assim mesmo, a vida dos homens e rapazes do nosso Bairro; quem, à noite, entrar no Grupo, lá os encontra a todos, uns jogando bilhar, outros lendo ou conversando, outros assistindo ao programa que a televisão lhes oferece, etc..

Todos eles, assim como os pais, e os avós até, devem ao Grupo essa tranquilidade e bem estar, que lhes é oferecida há já quatro décadas.

Será escusado dizer que desta tranquilidade beneficiam também as esposas e mães.

Elas estão em casa descansadas desde que saibam que os seus maridos e filhos se encontram no Grupo.

Falando em Recreio; quem é que já esqueceu as ocasiões que nos têm oferecido?

Desde a primeira hora que ali se exibiu teatro tão bem apresentado por amadores que mais pareciam profissionais. Durante toda a sua existência fez o que estava ao seu alcance para satisfação dos seus consócios.

Com certeza que todos temos ainda na lembrança o Rancho do Rodrigo, exibido a primeira vez no verão de 1954 e que depois tantas vezes nos deliciou com o entusiasmo das suas danças e canções.

A Ex.^{ma} Sr.^a D. Arlete devemos tão grandes momentos de exaltação bairrista; aqui lhe agradeço em nome de todos e como antiga componente do Rancho.

Bem-hajam todos os que

Augusto de Figueiredo

A Direcção da nossa Colectividade dirigiu, em tempo oportuno, um convite ao actor covilhanense Augusto de Figueiredo, para apadrinhar a inauguração do nosso Salão de Festas.

Além da subida honra que todos sentiríamos em ver na nossa casa tão eminente artista do nosso Teatro, proporcionava-se à Covilhã prestar homenagem merecida a um seu filho que tanto a tem honrado e que, diga-se de passagem, muito tem sido esquecido.

Mas a actividade de Augusto de Figueiredo e uma grave doença que o vem atormentando, inibiu-o de aceitar o nosso convite.

Para conhecimento de todos os nossos associados transcrevemos na integra a carta que Augusto de Figueiredo dirigiu à nossa Colectividade.

«Ex.^{mo} Senhor. Profundamente sensibilizado com as amáveis palavras com que V. Ex.^a se dignou convidar-me para a inauguração do Salão de Festas do vosso Grupo, venho agradecer tão honroso convite que, infelizmente, não posso aceitar.

Em primeiro lugar os meus compromissos com a empresa do Teatro da Trindade impedem-me de sair de Lisboa, mas, além disso, tenho estado gravemente doente, com uma úlcera no estômago, devendo ser imediatamente operado logo que a peça em que actualmente represento saia do cartaz. Continuo represen-

Secção de Teatro

Está criada a Secção de Teatro do Grupo Instrução e Recreio que, brevemente, principiará os seus trabalhos. Assim convidam-se todos os sócios que se interessem por teatro a fazerem a sua inscrição no Gabinete da Direcção. Dirige-se um apelo especial a todas as senhoras, pois a maior dificuldade desta secção reside no recrutamento de elementos femininos.

Esperamos o vosso desinteressado apoio, apoio que nos permitirá realizar os espectáculos que pretendemos. Esperamos por vós.

trabalham por esta causa e oxalá Deus lhes conceda uma vida longa ao serviço da Instrução e Recreio do nosso tão querido Grupo.

MARICEL

tando, embora com grave prejuízo da minha saúde, para não faltar aos meus contratos, mas, como já disse, logo que cesse a minha actuação entro numa clínica.

Lamento profundamente não poder deslocar-me à Covilhã e desejo sinceramente os maiores triunfos ao Grupo de que V. Ex.^a é muito digno Presidente.

Com os meus melhores cumprimentos, subscrevo-me,

a) Augusto de Figueiredo»

Lamentando a falta de Augusto de Figueiredo, só nos resta desejar-lhe um rápido restabelecimento e fazer votos para que bem depressa o possamos ter entre nós para então lhe testemunharmos a nossa muita admiração e o nosso agradecimento pelo que tem feito a favor do Teatro Português.

TEATRO

Um grupo de antigos associados da «velha guarda» está a ensaiar uma peça de teatro para ser levada à cena em fins deste mês. Na altura própria não deixaremos de estar presentes para testemunhar a esses amigos o nosso agradecimento. Até lá, incitamo-los a prosseguir no trabalho com o entusiasmo verificado até aqui, na certeza de que, assim, assistiremos a uma boa representação.

Torneio de Ténis de Mesa

Está a disputar-se, na nossa sede um Torneio de Ténis de Mesa inter-sócios, que, como se esperava, tem despertado o maior interesse. Nele participam 12 concorrentes e no nosso próximo número daremos relato minucioso da forma como o torneio decorreu, indicando as respectivas classificações.

Grupo Educação e Recreio «Campos Melo»

Comemorou há dias o seu 20.^o aniversário esta tão prestimosa Colectividade da vida covilhanense. O facto foi assinalado com um programa de festas condigno e absolutamente à altura do seu prestígio e da sua grandeza.

Ao simpático Grupo Educação e Recreio «Campos Melo», apresentamos as nossas felicitações e auguramos-lhe um futuro repleto das maiores felicidades.

Parabéns amigos e, unidos como sempre, continuemos a nossa obra de divulgação cultural e recreativa sem desalecimentos e sem desânimos.

O NOSSO JORNAL

O Grupo Instrução e Recreio, ao elaborar o seu programa das comemorações do 40.^o aniversário desta prestimosa Colectividade, levou a cabo a iniciativa de publicar mensalmente um órgão informativo do Grupo. Trata-se nada mais, nada menos, do Jornal do Grupo Instrução e Recreio.

Para muitos, tal iniciativa tanto faz como fez; pois que, segundo julgam, é coisa que não deve adiantar. Para outros, tal iniciativa é boa, porque ela ajuda a tomar mais contacto e conhecimento de tudo o que se relaciona com a vida da Colectividade. Assim como também para os primeiros, o jornal do Grupo não passará de ser um jornalzinho igual a tantos outros que nada de bem traz para a sociedade e que ao fim de terem passado uma ligeira vista de olhos o deitam fora sem se terem incomodado e nem interessado por analisar e meditar nos assuntos nele expostos que afinal só visam o bem da Colectividade.

Pois bem: um jornal, seja ele como for, grande ou pequeno, importante ou modesto, merece sempre a nossa atenção e respeito. Ele que foi criado e espalhado pela sociedade é porque quem o criou entendeu que o devia criar para nele expôr algo de útil e agradável que contribua para o bem do espírito e da moral da sociedade.

Muitos desconhecem as grandes dificuldades, as lutas, os trabalhos, canseiras e responsabilidades que acarretam a publicação e manutenção dum jornal, mesmo por muito simples que ele seja, sempre traz canseiras, horas perdidas, favores devidos, despesas, ingratidões e injustiças, mas estas, por parte daqueles como já atrás disse; que mal ligam aos jornais e os atiram para um canto sem se interessarem por lerem e meditarem naquilo que nele foi escrito com o intuito do bem. Para finalizar, quero frisar que no país muito poucas Colectividades mantêm um jornal do Grupo e é triste; porque é pela leitura que se conhece o grau de cultura e formação dum povo. É pela escolha das leituras que se conhece a moral de cada um. Um povo só será grande conforme for o seu grau de cultura e nós temos obrigação de procurar desenvolver cada vez mais a nossa cultura para que não tenhamos que nos envergonhar perante aqueles que possam reconhecer em nós aquelas faltas de respeito, de amor, carinho e gosto por tudo aquilo que só nos dignifica. É esta

(continua na sexta página)

Entrevistando o homem que trabalha na sombra

É verdade, caros leitores, tivemos hoje a oportunidade de apresentar e dar-vos a conhecer um homem que, trabalhando na sombra, sem que se torne por consequência notado por todos nós, tem dado o seu muito valioso contributo, em prol de tudo quanto toca a TEATRO, que o Grupo Instrução e Recreio tem organizado.

O seu nome é logo citado como sendo indispensável, e Ele por sua vez está sempre pronto a atender-nos. Também desta vez o Sr. MANUEL Dê SOUSA CHICHA, pois é dele que se trata, se colocou inteiramente ao nosso dispor, a fim de nos responder a algumas perguntas, que julgámos por bem formular, a fim de que os Senhores leitores e associados do G. I. R., tenham conhecimento dos melhores momentos passados pelo entrevistado, das dificuldades com que deparou ao longo de todos estes anos, em que foi PONTO de, salvamos o erro, todas as peças que se levaram a efeito no G. I. R., enfim, recordar para os nossos leitores, tudo o que foi possível. E foi assim que perguntámos:

— Diga-nos Sr. Chicha, será possível recordar-nos qual a primeira peça que o Sr. foi pontuar?

— Foi a «Filha do Saltimbanco» e diga-se de passagem, quem me a ensinou a pontuar foi o já falecido «Baiaia», de que muitos de certo se recordam, e isto devia ter eu os meus dezoito anos.

— E qual a última?

— «Tudo pode acontecer», levada a efeito pelo Orfeão da Covilhã.

— Qual delas lhe parece a melhor?

— Para mim, a «Filha do Saltimbanco», não afastando, porém, a «Flor da Aldeia» a outras peças que se tem levado a efeito no Orfeão da Covilhã e, se me permite, abrirei aqui um parêntesis, para falar também no Grupo Folclórico do Orfeão.

— Diga-me agora Sr. Chicha, por favor: Deparou algumas vezes com dificuldades ou tudo lhe correu sempre bem?

— Dificuldades tivemo-las sempre, em virtude de, por vezes, os componentes do Grupo Dramático não serem pontuais.

Continuando com o nosso questionário, perguntámos ainda ao entrevistado:

— Já pontuou algumas peças fora da cidade da Covilhã? Como foram recebidos? E no final?

— Na verdade já pontuei algumas peças fora da Covilhã, e fomos sempre muito bem recebidos. No final das peças, o contentamento era geral. É certo que, muitas vezes, o espectador não sabe avaliar o sacrifício, o esforço despendido, dos elementos do Grupo Dramático sejam eles quais forem.

— E por último desejaríamos saber se andam neste momento a trabalhar em mais alguma peça, qual o seu nome e onde será apresentada?

— Neste momento andamos a trabalhar na peça «Trabalho e Ocio», que será apresentada brevemente no Grupo Instrução e Recreio, com elementos que há dezasseis anos levaram à cena, nos palcos do G. I. R. e em Caria, esta mesma peça.

(continua na sexta página)

Boletim de CINEMA

1

cidade, uma programação de nível tão inferior como a deste ano.

E isto é tanto mais de lamentar na medida em que sabemos possível a coexistência entre uma «política económica» e um cinema que, para além do espectáculo normalmente atrofiador, se revele participante dos problemas do seu tempo.

Três meses decorridos: perto de três quarteiros de películas exibidas; inúmeras casas repletas; frequência média animadora. Bom negócio Sr. Empresário!

Uma das taras que mais se tem imposto à minha consideração é a conflagrada falta de sessões cinematográficas para crianças.

Demais sabemos o fascínio que a Arte das Imagens exerce na pequenada, hoje em dia tão mal servidas de ocupa-ções: começando nos antipáticos heróis dos

quadrinhos e acabando na estática programação da T.V..

Aliás, devemos esclarecer da flagrante fonte de formação que uma sessão infantil de cinema, devidamente organizada, pode constituir.

Filmes sobre ciências naturais, históricos, artísticos, paisagísticos e, também..., de animação, — oferecem, quando inteligentemente mesclados, motivos de agrado que superam a simples hora e meia de sonho.

Sabemos das intenções do nosso cine-clubes quanto a este problema — por demais urgente para que o possamos adiar.

Daqui nos permitimos, pois, chamar a atenção tanto da Empresa do Cine-Teatro, como dos responsáveis cineclubistas citadinos.

(continua na sexta página)

Informação crítica sobre os melhores filmes exibidos ou a exhibir na Covilhã

Nota: O critério é puramente cinematográfico e atende à época em que o filme foi realizado.

	A.M.	B.C.	L.M.	C.F.
TODOS FORAM CULPADOS ...	2	2	3	3
BRUTALIDADE ...	3	4	4	3
O SENHOR BARÃO ...	2	3	—	1
A FÚRIA DO PODER ...	1	1	1	1

Nota: Os filmes apresentados são realizados, respectivamente, por: Luigi Zampa, Jules Dassin, Jean Delannoy, Vincent Sherman.

- 0 — MAU
1 — SOFRIVEL
2 — SUFICIENTE
3 — BOM
4 — MUITO BOM

- A. M. — Araújo Moreira
B. C. — Boléo Cassapo
L. M. — Luis Moreira
C. F. — Carlos Fonseca

Dentre os filmes exibidos na Covilhã no mês de Março há a distinguir, e mau seria se não houvesse lugar a essa distinção, os filmes exibidos pela Secção de Cinema do Orfeão da Covilhã. Assim é que entre os quatro filmes que seleccionámos, por apresentarem maiores qualidades, figura o único filme exibido até esta altura pela Secção de Cinema. Os restantes pertencem à programação comercial e foram os únicos dotados de qualidade no meio da irregularidade da distribuição que nos brindou com Saritas, falsos folclores do sul da Espanha e mais duas produções do cinema nacional (continua a existir), uma catastrófica («O Cantor e a Bailarina»), outra dotada de algumas qualidades técnicas, mas cheia de folclore falsamente nacional e de lavradores «em trajos de turismo». (As Pupilas do Sr. Reitor).

Vejamos os quatro seleccionados: «Todos Foram Culpados» de Luigi Zampa: filme de qualidade me-

dia, apresentando-se como um libelo contra a justiça e a sua relatividade. Quando se castiga, deveria castigar-se parte da sociedade na medida em que ela influencia as acções do indivíduo. Neste sentido, todos somos culpados. O filme reveste-se de uma certa retórica melodramática, o que é um defeito, e apresenta uma narrativa clara, sem confusões, o que é uma qualidade. De notar, o nível interpretativo, distinguindo o sempre magnífico François Perier e todos os outros: José Suarez, Anna Mariscal, Jacqueline Sassard e Cláudia Cardinale.

Relacionado em certa medida, com o problema da justiça temos «Brutalidade» de Jules Dassin, filme cru, sem concessões, dum realismo que levou a crítica a falar da existência dum neo-realismo americano. O filme é uma análise do sistema prisional estado-unidense e uma demonstração donde pode levar a demasiada força nas mãos dum só homem, — quando tem sob a sua tutela outros homens. A corrupção, a violên-

cia, a demonstração duma certa tese que criou engulhos a muita gente e dificuldades à distribuição do filme, tudo isto junto, faz de «Brutalidade» o melhor filme que nos foi dado ver este mês.

«O Sr. Barão» de Jean Delannoy é um filme que como tantos outros vive do prestígio de Jean Gabin, dum Jean Gabin que, desta vez, não é homem do povo mas gentleman, continuando todavia a demonstrar o seu poder de adaptação aos papéis que lhe são distribuídos pois, estando presente durante todo o filme, consegue verdadeiramente convencer-nos de que é um gentleman. O bom artifice que é Jean Delannoy deu-nos um filme correcto, desprezioso, alegre, duma moralidade fácil, que atinge o seu melhor momento nas seqüências que decorrem na pequena aldeia.

Filme grande mas de reduzido mérito «A Fúria do Poder» de Vincent Sherman, segundo um romance de Edna Ferber, é uma demonstração dum certo conceito de justiça muito simplista e duma justificação de situações demasiado infantil que é comum a determinados filmes americanos. Com pretensões de crítica social, mas sem atingir o objectivo proposto, «A Fúria do Poder» perde-se na descrição da vida de duas famílias do Alaska, através de três ou quatro gerações, ressentindo-se dum desequilíbrio proveniente da acumulação de pessoas e de situações, sobretudo na última parte em que Vincent Sherman precipitou o inevitável happy-end, dando a impressão de se querer ver livre o mais depressa possível de «tais famílias». Sendo o mais fraco de todos, o filme tem motivos de interesse, já que não seja no aspecto documental.

Araújo Moreira

e

Boléo Cassapo

Teatro

RECOMENDAÇÕES AOS ACTORES

William Shakespeare é um dos maiores gênios teatrais da humanidade e «Hamlet» talvez seja a sua obra máxima pela descrição e composição das personagens, pela poesia, pela fluência do diálogo e pelo dramatismo das situações. Nessa obra-prima encontra-se uma recomendação de Hamlet a um actor que vai representar uma peça que se reveste duma tão grande actualidade que talvez não seja inútil transcrevê-la :

«Peço-te que digas a fala, expeditamente, como pronunciei; mas se fores declama-la aos gritos, como fazem muitos dos nossos actores, eu de bom grado preferira que um pregoeiro recitasse os meus versos. Não cortes excessivamente o ar com as mãos, assim; mas sê moderado em tudo, pois na torrente, na tempestade ou — porque melhor digamos — no torvelinho da paixão debes adquirir e guardar um certo comedimento, que lhe dê suavidade. É coisa, que me ofende o íntimo da alma, ouvir um robusto mocetão de grande cabeleira fazer uma paixão em farrapos, em verdadeiros trapos, quebrar os ouvidos da plateia, que na sua maioria gosta apenas de alarido e inexplicáveis pantomimas. Quem lhe dera com um chicote, o desalmado mata-moios; isto é ser mais Herodes do que o próprio Herodes. Evita semelhante coisa, peço-te eu.

«Não queiras também dominar-te em excesso; deixa-te reger pelo teu discernimento; acomoda o gesto à palavra e a palavra ao gesto, com o cuidado especial de não ultrapassar a modéstia da natureza: tudo o que se fizer além disso está fora do intento do teatro, cujo fim, tanto na sua origem como agora, foi e é — digamos assim — fazer espelho à natureza, mostrar à virtude os seus lineamentos, ao vício a sua própria imagem, e a cada século, a cada encarnação do tempo a sua forma, o seu cunho. Pois bem; se esta pintura ficar além ou aquém dos limites razoáveis, ainda que faça rir os ignorantes, só conseguirá entristecer os espectadores sensatos; e haveis de convir em que a censura de um destes deve ter mais peso, do que a de um teatro cheio dos outros. Há cómicos, que tenho visto representar — e a quem tenho ouvido tecer louvores e louvores fervorosos, para não dizer estultos — há cómicos, que não tendo voz de cristãos, nem figura de cristão, de pagão ou sequer de homem, por tal forma se enfatuavam e berravam, que cheguei a supor que algum rude jornaleiro da natureza, tendo querido fazer homens, não os tinha feito bem — tão abominavelmente imitavam a humanidade.

«Oh! emendai-vos de todo. É necessário que os que fazem papéis de rústicos, digam só o que foi escrito para eles; pois alguns há, que riem para despertar o riso a um certo número de espectadores estúpidos, ainda que nessa ocasião se deva estar atento a alguma passagem importante da peça. Isto é baixo, e revela uma detestável pretensão no tolo, que o pratica. Ide a praticar-vos.

Hamlet, Acto III, Cena II

A GRAND

Um conto de A

rostro e o cor-
nado. Faustino
grande termu-
que ternura,
vida lhe dera
era uma de
transformara
fundo, aquele
nha a sua ve
horas da noite
cama.
— Faustino
Vem-te deitar
bas de escrev

nuar. Houvesse o que houvesse por detrás dele: sonho ou realidade, luz ou um buraco escuro, dúvida ou certeza, tormento ou felicidade... Porque assim era como se estivesse morto.
Virou a cabeça e os olhos foram do muro sujo poisar no rosto da mulher. Era feia, assim, no desalinho da noite dormida e das rugas descobertas. Respirava levemente, com os cabelos caídos sobre o

Faustino acordou cedo e levantou-se. Foi para a secretária, sentou-se, tirou duma gaveta algumas folhas de papel cheias duma letra miudinha e ficou a olhar para elas como se não fossem reais. Pousou-as então a um canto da secretária e colocou à sua frente uma folha em branco. Não escreveu nada e ficou-se a olhar através da janela para as árvores despidas, para o sol pálido que ia batendo, pouco a pouco, a sujidade do muro do outro lado da rua. Muitas manhãs olhara já para o muro do outro lado na apatia tormentosa duma existência que se repetia sem justificação. Que haveria por detrás do muro? Nunca o conseguira saber. E essa ignorância transformara o muro do outro lado da rua num símbolo. Era a sua vida falhada de escritor desconhecido que todas as manhãs perguntava: — Que haveria detrás do muro? E o muro aparecia-lhe como qualquer barreira existente dentro de si que não o deixava saber quem era e porque existia. E o muro era a barreira que aparecia no caminho da sua vida que, apaticamente, percorrera durante trinta anos. E o muro era o medo de o saltar e de saber o que havia para além dele. E o muro era a certeza de que, se o não saltasse, morreria na base dele como um animal. E o muro era a certeza de que tinha que o saltar para saber o terror de não ter forças para o saltar. Mas uma daquelas manhãs saltá-lo-ia e então saberia e a sua vida podia conti-

TEMAS DE CINEMA

O QUE

O PLANO COMO UNIDADE

As primeiras especulações estéticas à volta do cinema levaram a afirmar que ele era a síntese de todas as artes. Queria dizer-se com isso que o cinema tinha ido buscar elementos a todas as artes existentes: à pintura, o enquadramento e a profundidade de campo, à escultura, a composição de volumes, ao teatro, os actores e a técnica de representação, à música, a própria música e o aproveitamento da sua dramaticidade — e que os tinha fundido, criando uma arte nova — a arte das imagens e do movimento. Essa teoria era, de certa maneira, a demonstração duma ambição havia muito latente no espirito dos artistas de todo o mundo — o aparecimento duma forma de expressão de tal maneira completa que permitisse

por ARAÚ

ao artista com-
pontos de vista
tos que até ai e
clusivamente a
público o mais
que os intelect
desprezavam o
ravam mais co
de feira do que
as suas caracte
nham começad
resse e carinho
rem os seus pro
-no, cada vez
como forma de
Sessenta anoi
ção, o cinema
uma estética de
e de bastante
tudo quando os
se ligam mais
técnica cinem
ge vários e co
ciência contem
atento dessa teo
nema — arte esp
tos provenientes
idosas, é certo
um determinado
rísticas que per
maturidade.

O que é, poi
O principio b
side num facto
nhcimento gera
conservam na r
terminado perí
do, por conseg
imagens sufici
movimento, essa
projectadas com
com que foram
fenômeno atrás
tem à vista hum
vimento. Vemo



G. I. R. — Sala de Espectáculos

ILUSÃO

Luís Moreira

...todo abando-
...hava-a e uma
...mais piedade
...invadia. Que
...A vida dela
...usão que se
...cansaço pro-
...ensaço que ti-
...quando, altas
...chamava da
...já é tarde...
...Amanhã aca-
...isso.

Respondia-lhe com rancor e insultava a sua incompreensão. Ela começava a chorar suavemente. Faustino fingia não ouvir. Mas acabava por se levantar, arrependido, deitava-se e ficava então a acarinhá-la como uma criança até que ela adormecia ainda com lágrimas nos cantos dos olhos profundamente azuis. E a mesma cena, quotidianamente, nos cinco anos do seu casamento transformara lentamen-

te o amor em desilusão e cansaço.

Faustino continuava a olhar a mulher deitada e adormecida. Abanou a cabeça, voltou-se novamente para a secretária e procurou concentrar-se, olhando a folha de papel em branco. Não o conseguiu, levantou-se num repente, enfiou o sobretudo ensebado e saiu para a manhã fria. Começou a descer a rua. Sentiu frio e subiu a gola do sobretudo. Caminhava e as árvores nuas, de ramos torturados, deslizavam a seu lado, levantadas para um céu angustiadamente avermelhado. Ao fundo da rua, um bêbado retardatário, encostado a uma árvore, saudou-o.

— Boa noite.

— Bom dia.

Correspondeu-lhe sem virar o rosto e continuou a andar. A cidade estava ainda deserta e silenciosa. Faustino caminhava sem destino pelas ruas e o silêncio ia entrando dentro dele e transformava-se numa doce serenidade. Quando chegou ao jardim não se lembrava já porque saíra e não compreendia porque o fizera. Voltou então para casa, lentamente. Saboreava a tranquilidade da cidade e observava com curiosidade a tranquilidade do seu espírito. Ao chegar à porta de casa, parou a olhar o muro sujo, sem receio, mas com curiosidade. Que haveria por de trás dele? Olhou-o por momentos. Depois voltou-lhe as costas, entrou em casa, sentou-se à secretária e começou a escrever.

(continua na sétima página)

É O CINEMA ?

FILMICA

MOREIRA

...tar, sob todos os
...abrangendo assun-
...pertencentes ex-
...ras artes, com um
...senso possível. Dai
...s, que no início
...ema e o conside-
...uma curiosidade
...mo uma arte com
...icas próprias, te-
...olhar com inte-
...cinema, a estuda-
...mas, a utilizarem-
...mais frequência,
...pressão.

...epois da sua cria-
...esenta-se-nos com
...amente formulada
...plexidade, sobre-
...problemas estéticos
...timamente com a
...rática, que abran-
...alcados ramos da
...ânea. Do estudo
...ção, resulta o ci-
...ábica, com elemen-
...outras artes mais
...mas apresentando
...mero de caracte-
...em decretar a sua

o cinema ?

...o do cinema re-
...entífico. É do co-
...que as imagens se
...ta durante um de-
...de tempo. Obten-
...te, um número de
...de determinado
...magens, ao serem
...a mesma cadência
...stadas, mercê do
...pontado, transmi-
...a ilusão de mo-
...portanto, que a

unidade básica do cinema é cada uma das imagens, das fotografias, que em cinema tomam o nome de fotogramas. Derivada desta unidade real do filme, apresenta-se-nos a unidade estética que é constituída pelo plano. É aqui que principia propriamente a estética cinematográfica e, derivada dela, toda uma gramática cinematográfica que condiciona a sua expressão, a sua linguagem.

A unidade artística do filme é o plano. O filme é constituído por uns milhares de fotogramas. Um conjunto de fotogramas que observe a cena dum determinado ângulo, sem haver qualquer movimento da câmara de filmar, chama-se plano. Pela sua posição de observador da realidade sômente dum certo ponto de vista, o plano constitui uma verdadeira unidade filmica. O conjunto de pla-



G. I. R. — Biblioteca

Desencontro

*Eu espero
e desespero
de esperar
por alguém
que não espera por mim...
E que nas asas do vento
devia voltar
para matar
este tormento
sem fim
de esperar por alguém
que não vem.*

*Mas eu sei, ó verdade crua,
que não voltarás nas asas do vento
porque nunca partiste
nem exististe
senão no pensamento.
Talvez à esquina duma rua
deserta, um dia,
eu oiça tua voz vinda do além
nas asas da ventania.*

*Mas quando o vento tiver passado
e a tua voz deixar de se ouvir;
Quando o vento deixar de mentir
e o silêncio tiver reinado,*

*então ficarei novamente
às esquinas da esperança,
só, doente,
ouvindo perto e longe,
como numa miragem,
a tua voz levada pela fria aragem...*

Covilhã, 13 de Março de 1961.

PINHEIRO FONSECA



Felicidade

*Quem tudo tem neste mundo
Nunca pode ser feliz.
— Só é feliz quem não tem,
Quem não tem porque não quiz...*

*Sofre de tédio a fartura
E a mediania de inveja.
Sofre na mesma afinal
O que tem o que deseja.*

*Não sofre quem renuncia
E não se sente infeliz.
— Só é feliz quem não tem,
Quem não tem porque não quiz...*

MARICEL

ENVIE LIVROS PARA A BIBLIOTECA DO GRUPO INSTRUÇÃO E RECREIO, CONTRIBUINDO ASSIM PARA MAIOR CULTURA DOS TRABALHADORES DA COVILHA.

Boletim de Cinema

(continuação da terceira página)

O mês que acaba de terminar foi, como parece não poder deixar de ser, mais uma decepção para quantos vêem no cinema algo mais do que a evasão do cotidiano.

Três filmes mereceram a nossa atenção: O CANTOR E A BAILARINA, AS PUPILAS DO SENHOR REITOR, ambos nacionais, e o franco-italiano TODOS FORAM CULPADOS.

Dos dois primeiros pouco há a dizer.

O primeiro é das películas mais imbecis e falhas do menor sentido filmico que temos visto. Assente numa anedota confrangedoramente pobre de posses e de intenções, O CANTOR E A BAILARINA não passa de uma colecção desordenada e pouco feliz de «postais ilustrados», mal musicados e pior vividos (estudam-se as interpretações).

AS PUPILAS DO SENHOR REITOR será porventura uma película mais escorregada e tecnicamente (refiro-me à fotografia) mais conseguida.

Pena é que a planificação, ou seja a sequência natural de acção roube a Perdígão Queiroga a ténue consolação de um espectáculo sem pretensões.

Mas não será aqui que situaremos a fragilidade da fita. Essa, revela-se logo na falta de honestidade com que o povo minhoto é apresentado. Como diria Ale-

xandre O'Neill é uma experiência «de ir ver o povo aos domingos».

— Vestidos, coletes, folclore e gesto, tudo é falso neste filme cuja grande ausência é a paisagem.

E no tinteiro ficarão as considerações sobre a viabilidade do romance de Júlio Dinis num cinema essencialmente do nosso tempo e da nossa terra.

AS PUPILAS DO SR. REITOR — filme, são numa mentira.

— Reconhecamo-lo Senhores!

Resta-nos, por último, o filme TODOS FORAM CULPADOS.

Baseado num processo individual de descrença, e impossibilidade, de uma justiça-posta, Luigi Zampa construiu um filme razoavelmente significativo e de efeitos imediatos. Na realidade, a película prende bem o espectador, que sem ser solicitado por fáceis «cordelinhos» acaba por partilhar efectivamente da intenção do realizador: — A comprovação de responsabilidades colectivas no descalabro individual.

Filme unilateral, é certo, porque não são delimitadas as obrigações «físicas» do indivíduo adentro dessa mesma sociedade. — TODOS FORAM CULPADOS afigura-se-me todavia pleno de humanismo e oportunidade; e também como o melhor filme deste mês de Março, prematuramente meridional e colorido.

JOÃO VIRIATO

O Nosso Jornal

(continuação da segunda página)

iniciativa, que a direcção procura manter, é uma obra que todos nós temos de apoiar e corresponder para, assim, ser mais uma honra para a nossa Colectividade.

Portanto deixo aqui um apelo aos prezados consócios para que, já que a nossa Colectividade é objecto de admiração dos que nos visitam e orgulho dos que a ela pertencem, acolham com a maior simpatia o nosso jornal e dêem o seu contributo moral e material para a continuação do mesmo para, assim, darmos mais um passo para o engrandecimento do nosso grupo e que ela possa vir a ser orgulho dos vindouros.

J. S. M. J.

Pensamentos

Depois de Deus, só a virtude é grande.

A árvore de sândalo perfuma o próprio machado que a feriu. Assim o que for virtuoso deve perdoar ao que o ofendeu.

Não vos espanteis de vos encontrardes sós na vossa opinião. Em todas as grandes crises da história, um homem teve razão contra a humanidade.

Jantar de Confraternização

Como vem anunciado no respectivo programa de festas, realiza-se no dia 15 de Abril, na sede do Grupo, um Jantar de Confraternização.

A respectiva inscrição encerra, impreterivelmente, no dia 10 do corrente.

A Secção de Teatro e a sua Programação

Na esteira duma obra de divulgação que conta tantos anos, quase, como de existência tem o G. I. R., a Secção de Teatro vai prosseguir a sua actividade tentando apresentar aos sócios as obras mais importantes da dramaturgia universal, atendendo, claro está, às limitações que um palco-miniatura como o que possuímos nos impõe.

Já no último ano se apresentou uma peça que se revestia dum certo interesse por porvir dum autor-encenador-poeta — «O Auto do Bom Pastor» de António Manuel Couto Viana. No presente ano, o passo mais importante foi dado com a decisão de participar no Concurso de Arte Dramática que o S. N. I. vem a promover há já alguns anos. Escolheu-se para esse Concurso a peça «Terra Firme» de Miguel Torga e parece-nos que a escolha foi acertada, não só pelo valor intrínseco da obra como por dar a conhecer ao público um autor dos mais importantes da moderna literatura portuguesa. O apoio, a compreensão e o entusiasmo encontrados, permitiram o começo dos ensaios com vista às eliminatórias que se realizam entre 25 de Julho e 15 de Agosto.

Brevemente começarão também os ensaios de «O Meu Coração Vive nas Terras Altas» de William Saroyan, peça duma qualidade poética muito elevada. William Saroyan, um dos grandes dramaturgos modernos, oferece-nas um exemplo bem definido do que se convencionou, na esteira de Meyerhold, chamar realismo-poético. Para essa peça permitimo-nos chamar a atenção pelo que ela tem de difícil; contamos com a imensa compreensão do público para as faltas que irão surgir, derivadas da dificuldade de encenação que um palco com reduzido espaço nos impõe! Resta-nos agradecer ao Teatro Clássico Universitário do Porto que amavelmente nos cedeu um exemplar de «O Meu Coração Vive nas Terras Altas» que, e pena é, não se encontra publicada.

Para mais tarde, e sem a importância extraordinária que têm as duas peças anteriores, pensa a Secção de Teatro montar «Um Homem... e a Mesma Mulher» de Tomás Ribeiro Colaço, «O Fim na Última Página» de Luís Francisco Rebelo, «O Equívoco» de Albert Camus, «O Urso» de Tchekhov. É natural, e achamos que o facto não necessita de explicação porque ela é bem visível, que algumas destas peças não sejam levadas à cena ou só o sejam num futuro muito longínquo. Mas do que ninguém nos poderá acusar, nessa altura, é de não termos elaborado um programa condigno e tentar cumpri-lo. Se de qualquer maneira o não fizermos é porque dificuldades que estão para além das nossas forças no-lo impediram. Nesse caso, a culpa não será nossa mas «dos fados adversos».

Resta-nos agradecer a maneira simpática, entusiástica até, como a camada jovem tem vindo até nós, cheia de interesse, melhor preparados uns, pior outros, mas todos animados daquele espírito de disciplina e humildade que qualquer pessoa deve ter ao trabalhar numa obra de arte colectiva, como é o teatro.

E o nosso agradecimento é tanto mais profundo quanto, sem eles, não haveria Secção de Teatro. Ao tempo que vão roubar à sua vida particular se fica a dever a continuação de obra há tanto iniciada. Obrigado a todos.

A. M.

Entrevistando o homem que trabalha na sombra

(continuação da terceira página)

A terminar esta breve entrevista, oferecemos as nossas colunas ao Sr. Manuel Chicha para mais algum esclarecimento que desejasse fazer e que servisse para informação dos nossos leitores e associados, ao que ele nos respondeu:

— Esta peça «Trabalho e Ócio», serve para despedida de certos elementos da «Velha Guarda», que dedicam assim aos prezados associados do G. I. R. este seu último trabalho que, desde já esperam que

seja do agrado de todos, como aliás sempre foi.

E pronto, prezados leitores, aqui têm a apresentação, mais ou menos em público, de um homem que como puderam verificar, em muito tem dado o seu valioso contributo e experiência em prol do nosso Grupo.

Que ele continue por muitos anos, sempre que seja necessário, a prestar-nos o grande favor da sua desinteressada colaboração, são os nossos desejos.

VICTOR MIRANDA

GRUPO INSTRUÇÃO E RECREIO

(continuação da primeira página)

lhor sede numa casa do falecido Francisco Gigante e, mais tarde, melhores instalações numa casa dos herdeiros de Francisco Dias Freire, onde o Grupo se manteve até conseguir a sua sede própria que hoje tem.

No ano de 1925, por desinteligências que apareceram, é nomeada uma Comissão Administrativa que substituiu a direcção da presidência de José Albino, o que originou nessa data, da parte de alguns associados do Grupo Instrução e Recreio, a fundação do Club Lusitano.

Dessa Comissão Administrativa fez parte com José Jacinto Proença, Alexandrino Vaz, António da Cruz Fazenda e Manuel dos Santos Tavares, que deu maior amplitude ao ensino, organizando uma verdadeira escola com todo o material didáctico, iniciando o seu funcionamento de dia e de noite, com o concurso do nosso amigo Armando Afonso.

A escola foi inaugurada pela Ex.^{ma} Câmara Municipal da Covilhã, da presidência do Sr. Dr. Almeida Eusébio, no ano de 1928. Mais tarde é reconhecida a sua grande utilidade pelo governo da Nação, pelo desenvolvimento que deu a favor da Instrução, tendo sido nomeada uma professora oficial no ano de 1930 para a escola do Grupo Instrução e Recreio, que ali se manteve até que foi criada a escola do bairro do Rodrigo.

A construção de uma sede própria foi sempre o sonho de muitos associados que o entusiasmo de António Quintela tornou em princípio uma realidade, que hoje representa um orgulho desta gente de trabalho, pelo seu grande esforço e muita dedicação que lhe votaram para a tornar cada vez maior.

Pelo Grupo Instrução e Recreio têm passado como directores elementos de todas as classes sociais, que muito contribuíram para o seu grande prestígio. De todos me recordo: mas não podia deixar de lembrar neste dia José Albino, o bom moço, inteligente e activo elemento, que a morte tão cedo arrebatou.

Na galeria dos nossos saudosos mortos, encontram-se os retratos de José António Lopes, fundador do Grupo Instrução e Recreio e de outros, que foram também dedicados amigos da colectividade; José Fael, industrial, Alfredo dos Santos, operário e primeiro cobrador, José Albino, empregado da indústria, Dr. Almeida Eusébio, antigo Ministro da Justiça e José Ramalho, jornalista.

A todos, com saudade, aqui recordo nesta hora, como os que por aqui passaram como directores, todos contribuíram com um pouco para a realização de tão grande obra.

A direcção do ano de 1942, da presidência do saudoso Alexandrino Vaz, que foi também um grande entusiasta do Grupo Instrução e Recreio, teve a ideia de me escolher, bem como a Francisco Teixeira David e Jaime da Cruz Fazenda, para levarmos a

efeito a organização de uma série de conferências, sendo a primeira presidida pelo Sr. Dr. António dos Santos Cunha, que era delegado do Instituto Nacional de Trabalho na Covilhã. A série de conferências tornou-se notável, nos meios intelectuais da nossa terra, trazendo ao Grupo Instrução e Recreio as melhores referências e elogios pela iniciativa. Algumas destas conferências, estão editadas. As do Sr. Prof. António Esteves Lopes, Prof. Ernesto Melo e Castro, publicista Mário Quintela e escritor Ferreira da Costa. Esta conferência foi, a pedido, repetida no Teatro Covilhanense. Mais se realizaram, que não estão publicadas, pelos Srs. Dr. Aristides Vaz de Barros, José Ramalho, José Caetano Júnior, Joaquim Gonçalves de Carvalho, José Martinho, José Bernardo Gíria e Francisco Teixeira David, que apresentou dois estudos, um sobre o fundador da colectividade e outro sobre a acção desenvolvida na cultura pelo ilustre covilhanense Dr. Celestino David, cujos trabalhos bem merecem que sejam editados pelo Grupo Instrução e Recreio.

A cultura e a beneficência, foi sempre o pensamento desta simpática agremiação e a prová-lo está a contribuição prestada pela direcção ao rancho folclórico, que chegou a, ser classificado como um dos melhores, pelos ensinamentos da inteligente prof.^a D. Arlete de Sousa Branco. Esperamos que a direcção volte muito em breve a organizar o rancho, para que a ilustre professora nos possa deliciar com o seu rico e

vasto reportório folclórico da Beira-Baixa.

Também o desporto ali se pratica em várias modalidades. Para isso, a direcção está já a organizar um ginásio, ringue de patinagem e outros desportos, estando já a instalar no salão 6 balneários, com as comodidades necessárias e material moderno, contribuindo assim para o vigoramento da saúde dos seus associados.

Todas as direcções foram incansáveis, durante estes já longos 40 anos que hoje comemora o Grupo Instrução e Recreio, mas seja-me permitido abrir uma excepção, para o dinâmico realizador Alberto da Fonseca, que durante estes últimos sete anos vem presidindo os destinos da colectividade, a quem se fica devendo a restauração da biblioteca e o «Boletim» que hoje inicia a sua publicação, para melhor informar os seus associados e também para os novos poderem desenvolver a sua cultura, escrevendo na página literária que para eles foi destinada. Sem o sacrifício, dedicação e inteligência de Alberto da Fonseca, não seria possível a realização desta grande obra da ampliação da sede, que tem um dos melhores salões, que está dentro das condições exigidas pela Inspeção Geral dos Espectáculos, cujo salão se destina para a realização de conferências, festas familiares, teatro e cinema.

E uma obra que muito honra os seus organizadores e os TRABALHADORES DA COVILHA.

Francisco da Cruz Coelho

Precisamos
de uma Máquina
de Cinema

(continuação da oitava página)

do 1.^o prémio da lotaria da Santa Casa da Misericórdia.

Ainda, na última semana da campanha, proceder-se-á ao sorteio extraordinário dos seguintes valiosos prémios:

- 1 televisor, no valor de 7 contos
- 1 frigorífico, no valor de 5 contos
- 1 aparelho de rádio no valor de 3 contos

Senhor Associado:

Se ainda não adquiriu o seu cartão, peça-o imediatamente a qualquer elemento da direcção ou aos cobradores do Grupo, pois a campanha vai iniciar-se na primeira semana do próximo mês de Maio.

Não fique sem colaborar numa campanha que visa ao preenchimento de uma lacuna que há muito se vem fazendo sentir.

Queremos uma máquina de cinema e tê-la-emos se todos ajudarem!

A NOSSA
BIBLIOTECA

(continuação da oitava página)

Publicamos a seguir os nomes de todos aqueles que já fizeram a sua oferta:

Manuel Francisco da Costa, 3; Eduardo Lucas Barata, 2; João Antunes Ferrão, 1; João dos Santos Marques, 5; Joaquim Duarte, 6; João de Oliveira, 6; António Nunes, 6; José de Matos Pombo, 20; Francisco da Cruz Coelho, 5; Alberto da Fonseca, 22; Florindo Augusto Póvoas, 23; José de Moura Martins, 6; Júlio Martins Vieira, 2; Anónimo, 1; Livraria Nacional, 19 e Centro de Divulgação Cultural da Covilhã, 81 livros e 48 revistas.

Para todos, sem excepção, vai o nosso profundo reconhecimento.

TEMAS DE CINEMA

(continuação das pág.^{as} centrais)

nos forma o filme-obra de arte, assim como o conjunto de fotografias forma o filme-objecto. Um filme é portanto constituído por determinado número de planos.

Sendo, como é, o plano a unidade artística do filme, é necessário que o espaço abrangido por ele seja composto duma maneira correcta, atendendo ao efeito que se quer obter, fazendo a distribuição das massas e das linhas, graduando a luz e a sombra, equilibrando o espaço abrangido pela objectiva da câmara, sem esquecer o conjunto da obra. A todo o espaço abrangido pela câmara e que é o espaço real do plano dá-se o nome de campo.

A importância do plano é de tal ordem que constitui o objecto duma das fases da realização cinematográfica. Obtido o argumento, faz-se a sua divisão em planos, que são descritos com a minuciosidade que se julgar necessária. Essa descrição do filme no papel chama-se planificação. Uma planificação consiste, essencialmente, em várias folhas de papel com três colunas. Na primeira, escreve-se o número do plano; na segunda, faz-se uma descrição do que irá aparecer aproximadamente no écran; na terceira, anota-se toda a matéria referente ao som desse plano: música, ruídos ambientais, etc.. A planificação é, portanto, um agrupamento de descrições de planos que nos permitem formar uma ideia do que virá a ser o filme, quando realizado. A sua feitura está normalmente a cargo de especialistas que trabalham sob as ordens do realizador, sendo este o responsável pelo filme e o verdadeiro criador da obra de arte cinematográfica.

A planificação, porém, não é somente a pré-visualização do filme. Ela é também um elemento de trabalho. Na planificação, os planos figuram pela mesma ordem com que irão desfilar no écran ante os olhos do espectador. Todavia, eles não são filmados por essa ordem. A economia de tempo e de dinheiro impõe que as filmagens num mesmo cenário sejam efectuadas todas seguidas. Assim poderá, por exemplo, o plano 21 ser filmado a seguir ao plano 325 e o 12 a seguir ao 34. Deste modo, evita-se a dispendiosa aglomeração de cenários nos estúdios ou a ida várias vezes ao mesmo local para a filmagem de planos diversos. É a partir da planificação, que se agrupam os planos a serem filmados num mesmo cenário ou num mesmo local exterior ao estúdio.

Resumindo: o plano é um conjunto de fotografias registadas pela câmara dum só ângulo. O plano constitui a unidade estética do filme. A pré-visualização dum filme pela descrição dos planos que o irão formar constitui a planificação.

Definido o plano, cumpre, em seguida, estudar a maneira como eles se agrupam.

(Continua)

INSCREVA-SE COMO SÓCIO AUXILIAR DO GRUPO INSTRUÇÃO E RECREIO, CONTRIBUINDO ASSIM PARA ENGRANDECER MAIS ESTA OBRA DOS TRABALHADORES DA COVILHA.

A nossa homenagem

Ao começarmos a rabiscar estas mal alinhavadas linhas, vem-nos à ídela o facto de só há pouco mais de um ano fazermos parte do numeroso grupo de associados desta tão brilhante Colectividade. Mas esse facto nunca inibiu que nutrísemos pelo Grupo Instrução e Recreio uma desvanecedora simpatia pela sua obra em prol da cultura e do recreio. Assistimos há anos a algumas das sessões culturais promovidas e nunca esquecemos as magistrais lições que brilhantes figuras da vida covilhanense aqui proferiram.

Começou aí a nossa admiração por esta Instituição, que foi aumentando à medida que os anos decorriam. Foi, pois, com natural regozijo que tomei conhecimento, em dado momento, das obras de remodelação porque a sede iria passar. E essas obras, em parte já concluídas, são o orgulho de todos aqueles que a esta Colectividade estão ligados.

Ao tomarmos agora contacto mais directo com as coisas do Grupo, justo é realçar o trabalho exaustivo das direcções que levaram por diante uma obra de tanta envergadura. E sem desprimor para todos aqueles que deram a sua valiosa colaboração à iniciativa, permitam-nos que destaquemos, por ser de inteira justiça, a figura principal, o obreiro número um, Sr. Alberto da Fonseca, que ainda hoje ocupa, por mérito próprio, o lugar de Presidente da Direcção.

Foi ele o impulsor incansável de uma obra que honra não só a Colectividade, como a própria Covilhã. A sua dedicação, à sua indómita vontade, ao seu querer inigualável e à sua persistência se fica a dever o milagre que hoje pode presenciar-se com natural e legítimo orgulho. Há sete anos que o Sr. Alberto da Fonseca se encontra à frente do elenco directivo. Sete anos de trabalho exaustivo, de canseiras e de sofrimentos. Sete anos de luta tenaz, luta sem tréguas, mas que foi vencida com o sacrifício da sua própria saúde e da sua própria vida familiar. Tudo Al-

berto da Fonseca sacrificou pela sua Obra, pelo seu Grupo.

Mas hoje, ao presenciar a obra que o seu forte querer levantou, Alberto da Fonseca deve sentir-se orgulhoso em ver que os sa-



Alberto da Fonseca

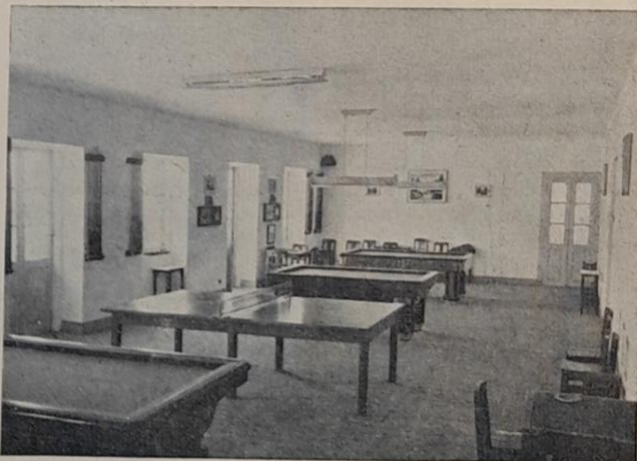
Actual Presidente

crificios a que se sujeitou operaram o milagre que ele tanto desejava.

Ao deixarmos aqui a nossa modesta homenagem a um homem que muito mais merecia, não devemos esquecer sua Ex.^{ma} Esposa, Sr.^a D. Ana de Jesus Teles Fonseca, sua companheira inseparável nos bons e nos maus momentos. Para essa Senhora, a quem o Grupo também muito fica devendo, pelo que de compreensiva sempre foi, vai também o preito da nossa profunda gratidão.

Ao terminarmos estas singelas linhas, lamentamos não poder traduzir, por falta de conhecimentos, tudo quanto o coração sente. Mas a nossa homenagem aqui fica e ela não é só nossa, mas de toda a imensa e unida família do Grupo Instrução e Recreio.

G. S.



G. I. R. — Sala de Jogos

Programa das Festas Comemorativas do Aniversário

DIA 2 DE ABRIL (DOMINGO)

As 11,30 horas — Missa por alma dos sócios falecidos, na Capela do Bairro do Rodrigo.

> 12,30 > — Romagem ao Cemitério.

Nos dias 2 e 3 haverá bailes na Sede, abrilhantados pela Orquestra Gardunha

DIA 9 (DOMINGO)

As 17,30 horas — Bênção da Sede pelo Rev.^o Arcipreste da Covilhã

> 18 > — Inauguração Oficial da Sede pelos Ex.^{mos} Senhores Governador Civil do Distrito e Presidente da Câmara Municipal da Covilhã.

> 18,30 > — Sessão Solene presidida pelo Ex.^{mo} Governador Civil, na qual proferirá uma conferência o Ex.^{mo} Senhor Doutor António Crespo de Carvalho, Ilustre Advogado nesta cidade.

> 21,30 > — Sarau de Gala pelo Orfeão da Covilhã.

DIA 11 (3.^a Feira)

> 21,30 > — Sessão de Homenagem à Ilustre Madrinha da Colectividade, Sr.^a D. Arlete de Sousa Branco e aos sócios com mais de 25 anos de inscrição, aos quais serão entregues medalhas comemorativas.

DIA 15 (SABADO)

> 20 horas — Jantar de Confraternização.

DIA 16 (DOMINGO)

> 17 horas — Provas desportivas (atletismo e voleibol).

> 22 > — Baile em honra do Orfeão da Covilhã, abrilhantado pela Orquestra Gardunha.

A Nossa Biblioteca

Está a despertar um entusiasmo verdadeiramente consolador a campanha em feliz hora lançada a favor da nossa biblioteca. Muitos são já aqueles que corresponderam ao nosso apêlo, mas muitos outros podem e devem fazê-lo

É certo que a biblioteca foi já enriquecida com aproximadamente 200 livros, mas é pouco, muito pouco, para o que pretendemos. Para já o objectivo 1.000 está longe de ser atingido, mas a boa vontade dos nossos queridos associados e a simpatia daqueles que o não são, há-de contribuir, sem dúvida, para que bem depressa possamos aqui anunciar o nosso regozijo em vermos satisfeitos os nossos anseios.

Nesta quadra tão festiva que atravessamos, ao comemarmos o nosso 40.^o aniversário, não fica mal lançar um apelo a todos os associados no sentido de não esquecerem a sua biblioteca. A oferta de um simples livro bastará para que fiquemos de bem com a nossa consciência. Assim se contribuirá para a elevação do nível cultural de todos os que frequentam a nossa Sede, ao mesmo tempo que se contribui também para o enriquecimento do nosso já valioso património.

Que nenhum associado falte à chamada!

(continua na sétima página)

Precisamos de uma máquina de Cinema

Há muitos anos que se acalenta o sonho da aquisição de uma máquina de cinema, absolutamente indispensável para a realização de sessões para os sócios e seus familiares. Dificuldades de vária ordem têm obstado à satisfação desse desejo, mas, finalmente, vai chegar a hora de dar realidade ao feliz sonho.

Para o efeito e porque as finanças do Grupo não permitem, presentemente, a saída de verba tão elevada, vai promover-se uma campanha entre os nossos estimados associados, que, esperamos, irá despertar o maior interesse, dado o fim a que se destina. A campanha consiste no seguinte:

Serão emitidos 1.000 cartões, devidamente numerados. O adquirente do cartão pagará, semanalmente, e durante 35 semanas, a quantia de 2\$00, no total de 70\$00. Todas as semanas se fará um sorteio que contemplará com 500\$00 o associado possuidor do cartão cuja numeração corresponderá aos últimos 3 algarismos

(continua na sétima página)